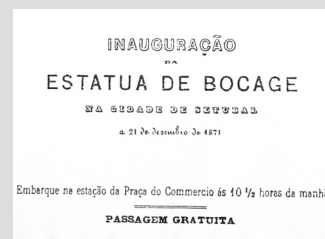


Bocage, o poeta da liberdade

150 anos do monumento a Bocage celebram-se dia 21

O programa cultural "Bocage, o poeta da liberdade" de Dezembro, mês em que se assinala os 150 anos da inauguração do monumento de homenagem ao poeta, no dia 21, começa este domingo, 5, às 11h00, com o filme "Amadeus",



no Auditório Charlot, e segue a 11, às 16h00, no Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal com a conferência "Setúbal na época da inauguração do monumento a Bocage", com Albérico Afonso Costa.

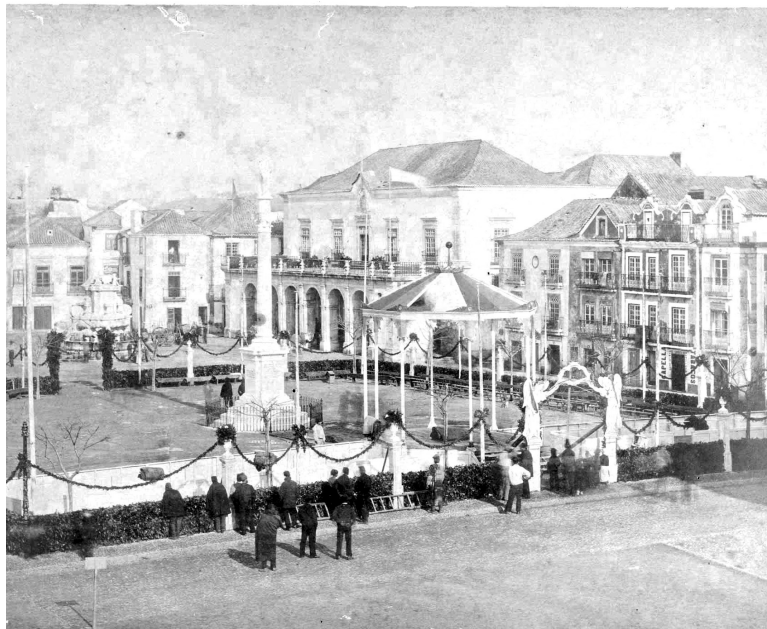
Um dia de muita festa em Setúbal

Adelto Gonçalves*

SÃO PAULO – A propósito das comemorações dos 150 anos da inauguração do monumento ao poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage (21 de dezembro de 1871-21 de dezembro de 2021), na antiga Praça do Sapal, hoje Praça de Bocage, em Setúbal, em especial para aqueles que não tiveram a oportunidade de ler o meu livro "Bocage, o perfil perdido", lançado em 2003 pela Editorial Caminho, de Lisboa, e que neste ano ganhou a sua edição brasileira pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo (Imesp), aproveito a oportunidade para alinhar aqui algumas informações que obtive em pesquisas nos arquivos portugueses, em 1999-2000, quando desenvolvi um projeto apoiado com bolsa de pós-doutoramento concedida pela Fundação de Amparo à Pesquisa no Estado de São Paulo (Fapesp).

Antes de mais nada, é preciso que se diga que está documentalmente provado que o poeta não nasceu na casa da Rua de São Domingos, hoje Rua de Edmond Bartissol, mas num imóvel localizado à antiga Rua das Canas Verdes, hoje Rua António Joaquim Granjo, esquina com o Largo de Santa Maria, onde sempre viveu a família do poeta. Isto pode ser comprovado no acervo do Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (IANTT), em Lisboa, compulsando-se o documento 32, da Provedoria de Setúbal, maço 15, fl. 128, de 17/7/1800, que trata da arrematação das casas altas com suas lojas ao Largo de Santa Maria da Graça de Setúbal, promovida pelo Estado para se ressarcir dos prejuízos causados à Coroa pelo ex-ouvidor José Luís Soares de Barbosa, pai de Bocage. E o documento 46, maço 39, fls. 15-16 da Provedoria de Setúbal, e o documento 2, maço 1978, do Desembargo do Paço, Corte, ambos do IANTT.

A comprovação pode ser também feita compulsando-se as anotações que constam do Arquivo João Carlos de Almeida Carvalho, cota 102, no Arquivo Distrital de Setúbal. Carvalho, que fora advogado nos auditórios públicos e fundador e secretário da Sociedade Arqueológica Lusitana, sediada em Setúbal, pretendia escrever uma biografia de Bocage e acumulou muitas informações. Mas nunca teve a sua palavra levada em conta quando, em 1863, o poeta Manuel Maria Portela largou a "galga" (notícia falsa), no dizer de Carva-



Inauguração do monumento a Bocage - 21 de Dezembro de 1871

lho, segundo a qual Bocage teria nascido numa morada da Rua de São Domingos.

Houve um movimento em favor da compra da casa pela municipalidade, mas como a Câmara não dispunha de meios, Portela conseguiu convencer o engenheiro francês Edmond Bartissol, o visconde de Bartissol, grande proprietário de terras em Alcácer do Sal e rico produtor de vinho, a comprá-la e doá-la à Câmara com a exigência de que fosse transformada "num bom centro de ilustração", como se lê na Gazeta Setubalense, de 17/4/1887. E, a 17 de abril de 1888, deu-se a solenidade de entrega da casa à Câmara, conforme se lê no Diário de Notícias, de Lisboa, de 22/12/1905. Em troca, a Câmara deu o nome de Edmond Bartissol à rua.

A explicação para o fato de o irmão de Bocage, o advogado Gil Francisco, nunca ter revelado a localização da verdadeira casa onde nascera o poeta pode ser encontrada também no documento 32, maço 15, da Provedoria de Setúbal, na Torre do Tombo. Lá se lê que o pai de Bocage, o ouvidor José Luís Soares de Barbosa, teve de passar seis anos (de 1771 a 1777) na cadeia do Limoeiro, em Lisboa, acusado de desviar a arrecadação da décima de Beja em 1769. E que, em 1800, o imóvel da casa da Rua das Canas Verdes seria sequestrado à família como forma de ressarcimento pelos prejuízos causados à Coroa pelo ex-ouvidor. O que

se conclui é que esse deve ter sido um segredo de família que Gil Francisco sempre procurou guardar e levou consigo para o túmulo. Para preservar a memória do pai.

Uma lápide na casa

Por empenho de Portela, uma lápide que comemorasse o nascimento do vate foi colocada na frontaria da casa da Rua de São Domingos a 10 de abril de 1864, "em meio a alocuções, músicas e outros festejos", como observou Carvalho, citando o jornal A Voz do Progresso, de Setúbal, de 17/4/1864. Ainda segundo ele, Portela entendeu que Bocage merecia ser alvo de maior homenagem e começou por se dirigir ao historiador Antônio Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, o visconde de Castilho, suscitando-lhe a ideia de que fosse erguido em Setúbal um monumento à memória do poeta. À época, Castilho, embora fosse cego de nascença, era um poeta já consagrado nas letras portuguesas e historiador, que publicara com seu irmão, em 1847, pela casa B. L. Garnier Editora, do Rio de Janeiro, a famosa Livraria Clássica, que tinha o seu volume VII dedicado a Bocage, texto de autoria de José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha.

O visconde de Castilho abraçou a ideia de Portela e pediu ao irmão, José Feliciano, que desde 1847 havia trocado Lisboa pelo Rio de Janeiro, para que consultasse a comunidade portuguesa da capital do império do Brasil. Convocada por José Feliciano, a 15 de setembro de 1865, dia

do centenário do nascimento de Bocage, foi realizada uma reunião no salão do Clube Fluminense, da qual resultou uma comissão formada por portugueses e brasileiros com o objetivo de abrir uma subscrição para se erigir um monumento a Bocage em Setúbal, como se lê no Diário do Rio de Janeiro, de 17/9/1865.

Da discussão à prática, porém, seis anos se passaram. E, depois de algumas contrariedades do lado de lá e de cá, finalmente, o monumento foi erguido na Praça do Sapal, já então denominada Praça de Bocage, e inaugurado no dia 21 de dezembro de 1871, que marcava o 66.º aniversário da morte do poeta. Nesse dia, Portela também lançou um livretinho que levava por título "Homenagem à memória do distinto poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage por ocasião de ser inaugurado o seu monumento em Setúbal".

A festa de inauguração foi muito bonita. Às 10h30, vapores largaram do cais do Terreiro do Paço, em Lisboa, levando a nobreza representada por D. Carlos e D. Afonso e alguns acompanhantes. Em seguida, às 11 horas, saiu uma comitiva formada por 570 pessoas. Às 11h48, partiu do Barreiro um comboio de 31 carruagens, em dupla tração, chegando à estação de Setúbal às 13h05. Era uma quinta-feira de tempo nublado e chuva copiosa. Na Praça de Bocage, de um lado, ficaram Manuel Maria Portela, o visconde de Castilho, ministro plenipotenciário do Brasil em Portugal, e alguns parentes do poeta, como Joaquim José de Barbosa du Bocage, filho de José Vicente Barbosa du Bocage e neto de Francisco Antônio Soares de Barbosa e Emília Banha Bocage Freire, prima em terceiro grau.

Depois da execução de música pela banda, foram distribuídos exemplares de um soneto do visconde de Castilho e um livretinho com um poema de Manuel Maria Portela. Era um dia de festa para eles e não iriam perder tempo com possíveis lamúrias do historiador João Carlos de Almeida Carvalho que insistia em afirmar que não havia provas confiáveis de que Bocage nascera na Rua de São Domingos.

O monumento

O monumento, composto por uma coluna dórica, era bonito e imponente: tinha nas faces do capitel liras em relevo. E, no alto, o poeta está em pé trajado ao uso da época e tem na mão direita uma pena e na esquerda um livro. Semelhante ao monumento do

filósofo Leibniz, em Hanôver, a estátua é uma espécie de templo de Vesta. Um pedestal, colocado no centro da plataforma, sustenta o busto de Bocage, e sobre a cúpula levantava-se a musa lírica, conforme se lê em "La célébration du premier centenaire de Bocage au Brésil", Bulletin des Études Portugaises, Lisboa, 1966, citando reportagem publicada pelo Diário do Rio de Janeiro.

Toda a cidade também vivia o clima de festa: a praça estava cercada por candelabros iluminados e as fachadas e os edifícios particulares exibiam cortinas e colchas de damasco. À noite, centenas de lanternas foram acesas na praça e houve uma representação no Teatro Bocage a cargo da companhia que funcionava no Circo Price, sob a direção do maestro Cardim.

A festa iria durar até domingo, quando, na sala de sessões da Câmara, foi inaugurado um retrato a óleo de Bocage que havia sido adquirido pela comunidade portuguesa no Brasil, segundo notícia da Gazeta do Povo, de Lisboa, de 23/12/1871. Naquele dia, José Vicente do Bocage Lima leu um poema de Manuel Maria Portela em homenagem ao seu famoso parente. Durante a festa, os convivas não se cansavam de elogiar o trabalho do estatuário Pedro Carlos dos Reis, que reproduzira com perfeição as feições de Bocage, ao contrário do autor do quadro a óleo, uma cópia feita pelo francês Moureau no Rio de Janeiro do retrato feito pelo pintor Henrique José da Silva, conforme informações que constam das edições 307 e 308 do Jornal da Noite, de Lisboa, de 27-28/12/1871.

(*) Adelto Gonçalves (1951), jornalista, é doutor em Letras na área de Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP) e autor de Bocage, o perfil perdido (Lisboa, Caminho, 2003; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo - Imesp, 2021), Gonzaga, um poeta do Iluminismo (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999), Barcelona brasileira (Lisboa, Nova Arrancada, 1999; São Paulo, Publisher Brasil, 2002), Tomás Antônio Gonzaga (São Paulo, Imesp/Academia Brasileira de Letras, 2012), Direito e Justiça em terras d'el-rei na São Paulo Colonial (São Paulo, Imesp, 2015), Os vira-latas da madrugada (Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1981; Taubaté-SP, Letra Selvagem, 2015) e O reino, a colônia e o poder: o governo Lorena na capitania de São Paulo - 1788-1797 (São Paulo, Imesp, 2019), entre outros.